



OS DISCURSOS DE FIDEL CASTRO E OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS ÀS MULHERES CUBANAS (1959-1965): UMA ANÁLISE A PARTIR DOS CONCEITOS DE PODER SIMBÓLICO E DOMINAÇÃO MASCULINA

The speeches of Fidel Castro and the meanings attributed to Cuban women (1959-1965): an analysis based on the concepts of symbolic power and male domination

Gisele Pinheiro*

Recebido em: 06/03/2026

Aprovado em: 23/06/2026

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar a prática discursiva de Fidel Castro, nos anos seguintes após a vitória da Revolução Cubana, tendo como base teórica os conceitos de poder simbólico e de dominação masculina de Pierre Bourdieu. Busca-se entender como e de que maneiras Castro corroborava com a estrutura da dominação masculina e as hierarquias entre masculino e feminino, a partir da produção de sentidos simbólicos sobre as mulheres cubanas. Nesse sentido, entende-se o poder como uma dinâmica que envolve não apenas o poder material ou a força física, mas um poder simbólico “invisível”. São mobilizadas, então, as noções de *habitus*, campo, posições e estruturas históricas para refletir sobre os aprendizados da infância, a posição central no campo da política e a manutenção da lógica da dominação masculina nos discursos de Fidel Castro.

Palavras-chave: Fidel Castro; Poder Simbólico; Dominação Masculina

Abstract: This article aims to analyze Fidel Castro's discursive practice, in the

* Doutoranda em História Política no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGH-UERJ). Título da pesquisa em andamento: A “mulher nova” na Revolução Cubana: uma análise a partir das ideias de Alexandra Kollontai e dos discursos de Fidel Castro (1959-1980). Órgão Financiador: FAPERJ. Endereço para correspondência: Rua Professor Eurico Rabelo, nº 75, apt. 103, Maracanã, Rio de Janeiro, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-0365-0131>. E-mail: gicapinheiroc@gmail.com



4 | years following the victory of the Cuban Revolution, based on Pierre Bourdieu's concepts of symbolic power and male domination. It seeks to understand how and in what ways Castro corroborated the structure of male domination and the hierarchies between masculine and feminine, through the production of symbolic meanings about Cuban women. In this sense, power is understood as a dynamic that involves not only material power or physical force, but also an "invisible" symbolic power. The notions of *habitus*, field, positions and historical structures are then mobilized to reflect on childhood learning, the central position in the field of politics and the maintenance of the logic of male domination in Fidel Castro's discourses.

Keywords: Fidel Castro; Symbolic Power; Male Domination

Introdução

Na segunda metade do século XX, diversas teorias das ciências sociais e humanas se debruçaram sobre a questão da natureza do poder na sociedade. Autores como Pierre Bourdieu (1989), Michel Foucault (1979) e Norbert Elias (2000) buscaram analisar como um poder se estabelece e qual o papel das instituições na manutenção desse poder e das distinções sociais. Essas discussões e seus desdobramentos são úteis para pensar as relações de poder entre os gêneros e a construção dos papéis de gênero numa sociedade. Este trabalho, então, parte de uma problemática que envolve o poder e a dominação masculina nos discursos políticos de Fidel Castro, tendo como base uma dessas possibilidades teóricas.

Na perspectiva desses autores, o poder pode ser entendido como uma dinâmica que envolve não apenas o poder material ou a força física. Pode ser interpretado como uma categoria estruturante, “anterior” à quantificação. Bourdieu (1989), por exemplo, define um poder simbólico “invisível” e criador de categorias de percepção da realidade, como o que significa ser homem ou ser mulher em uma sociedade. Este poder significa instaurar a “doxa”, o que é “indiscutido” e naturalizado por dominantes e dominados. O autor pensa esse tipo de poder a partir das noções de campo, *habitus*, posições e estruturas



históricas, conceitos que serão explorados mais à frente. Este será, portanto, o eixo teórico deste trabalho.

5 | Apesar das críticas quanto ao método e à binariedade do pensamento de Bourdieu, principalmente em Judith Butler (2022),¹ suas contribuições são úteis para a nova história política e dialogam com os estudos de gênero.² Sendo abordados de forma crítica e reconhecendo suas limitações, os principais pontos de sua teoria podem ser usados para pensar as formas de dominação simbólica nas práticas cotidianas e a história incorporada através dos *habitus* dos agentes sociais no poder. Cabe apontar que, a partir da década de 1970, as renovações no campo da história política possibilitaram a diversificação das abordagens sobre o poder, incluindo conceitos tidos até então como “extrapolíticos” (FALCON, 1997, p. 79):

Poder e política passam assim ao domínio das representações sociais; coloca-se como prioritária a problemática do simbólico - simbolismo, formas simbólicas, mas sobretudo o poder simbólico, como em Bourdieu. O estudo do político vai compreender a partir daí não mais apenas a política em seu sentido tradicional mas, em nível das representações sociais ou coletivas, os imaginários sociais, a memória ou memórias coletivas, as mentalidades, bem como as diversas práticas discursivas associadas ao poder (FALCON, 1997, p. 76).

Inserida nesse campo da nova história política, esta pesquisa também perpassa pela abordagem de gênero. Segundo Adriana Piscitelli (2002), a redefinição do político permitiu que toda relação que perpetuasse a dominação masculina fosse entendida como política. Presente através do tempo e das culturas, esse sistema de dominação operaria no nível mais íntimo de cada

¹ Butler é contra a hipótese do sistema binário dos gêneros, divididos apenas em masculino e feminino, e a suposta unidade do sujeito do feminismo, com uma identidade fixa e separada das questões de raça, classe e etnia. Também critica os métodos de observação e apropriação de uma cultura não ocidental para confirmar noções ocidentais de opressão de gênero, criando uma universalidade das estruturas de dominação (BUTLER, 2022), como faz Bourdieu em relação à sociedade cabila.

² O próprio autor se diz apoiado nos trabalhos estimulados pelo movimento feminista e reconhece a importância do movimento para as mudanças na condição das mulheres e a ampliação da área do político, fazendo com que temas que antes eram ignorados pela tradição política passassem a ser debatidos (BOURDIEU, 2025, p. 187-188).



homem e de cada mulher. Nesse contexto, se consolidaram os estudos sobre a “situação da mulher” e as origens da subordinação feminina. Já no final da década de 1970, a formulação do conceito de gênero procurava pensar essas questões sem se limitar a uma base identitária ou biológica.

Em Joan Scott, a categoria de gênero implica em alguns elementos interrelacionados. Entre eles estão a organização política, os símbolos culturais que evocam representações do masculino e do feminino e as interpretações desses símbolos. Estes afirmam o que significa ser homem ou ser mulher em uma sociedade, rejeitando “possibilidades alternativas” e afirmando uma posição dominante, “declarada a única possível” (SCOTT, 1995, p. 86-87). Nesse sentido, os estudos de gênero envolvem as noções de representação, símbolos, dominação e posição e entende-se que as imagens e papéis atribuídos às mulheres são construídos socialmente.

Cabe apontar que, mesmo diante de críticas, o termo “mulher” ainda é usado nos estudos feministas. Entre a década de 1990 e o início dos anos 2000, a ênfase nas diferenças foi questionada por pesquisadoras como Linda Nicholson (2000) e Chantal Mouffe (1992) e houve uma recriação da categoria. Entende-se, então, as “mulheres em contextos específicos”, e não mais “mulheres como tais”, permitindo mapear semelhanças e diferenças e rompendo com a ideia essencialista de mulher (PISCITELLI, 2002, p. 35). Nesse sentido, Chantal Mouffe considera que o projeto político feminista deve ser tido, sobretudo, como aquele que busca questionar e transformar os discursos nas quais a categoria “mulher” é construída sob uma forma de subordinação (MOUFFE, 1992).

Tendo como base essas definições, esta pesquisa envolve as relações de poder e as imagens associadas às mulheres no contexto específico da Revolução Cubana. As fontes são os discursos de Fidel Castro, a principal liderança política de Cuba após a vitória da Revolução, em janeiro de 1959. E considerando que este é um dos temas mais estudados na historiografia latino-americana, o uso da



teoria de Bourdieu e a problemática refletem uma perspectiva ainda pouco explorada para pensar os discursos da Revolução.³

| 7

Dessa forma, coloca-se a seguinte pergunta: a partir da noção de poder simbólico de Bourdieu, como e de que maneiras Fidel Castro perpetuava a dominação masculina e as hierarquias entre masculino e feminino em seus discursos nos primeiros anos do governo revolucionário? Envolve perceber como o poder simbólico e a dominação masculina se manifestam em sua prática discursiva, inserida no campo da política. Nesse sentido, busca-se analisar quais foram os sentidos, símbolos e padrões de comportamento atribuídos às mulheres cubanas nos discursos de Fidel entre 1959 e 1965 e refletir sobre as hierarquizações sociais e as relações desiguais entre homens e mulheres.

Cabe destacar que a delimitação utilizada corresponde aos primeiros sete anos após a vitória da Revolução Cubana. Abrange o período de experimentações e de consolidação da Revolução, incluindo as duas leis de reforma agrária e a declaração do caráter socialista, e o início do planejamento e organização do Estado socialista. Na perspectiva de historiadores como Silvia Miskulin (2003), Richard Gott (2006) e Luiz Fernando Ayerbe (2004), o ano de 1965 foi decisivo para a estabilização da Revolução. Nesse contexto, houve a desarticulação dos focos contrarrevolucionários, o estreitamento das relações comerciais com a União Soviética e a centralização dos grupos políticos em torno do Partido Comunista. Também foi nesse período que Che Guevara esteve à frente da economia do país, como ministro da Indústria.

Enquanto comandante das forças armadas, primeiro-ministro do governo revolucionário e depois como presidente de Cuba, Fidel proferiu centenas de discursos públicos dentro e fora da ilha. Esses pronunciamentos estão transcritos

³ Para entender as novas abordagens sobre a Revolução Cubana em Cuba e na América Latina, destaco o artigo “Revolución cubana: un balance historiográfico” (2019) de Martín Ribadero. No Brasil, destaco as obras “Revolução Cubana: perspectivas históricas e desafios atuais” (2021), organizado por Ana Paula Calegari e Lídia Maria Generoso, e “Revolução Cubana: ecos, dilemas e embates” (2019), organizado por Jean Sales, Rafael Araujo e Tiago Silva, ambos resultados de debates feitos na efeméride dos 60 anos da Revolução.



no site <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/>,⁴ contando com cerca de 1.150 discursos entre 1959 e 2008.⁵ Sobre essa produção discursiva, Bruno Romano Rodrigues destaca que “os anos iniciais da Revolução foram os mais férteis para a criação de uma nova simbologia de poder que lograsse legitimá-lo perante a opinião pública” (RODRIGUES, 2021, p. 410-411).⁶

Silvia Giraudo (2010) e Ana Maria Corraello (2016) também possuem trabalhos relevantes sobre os discursos. Giraudo (2010) explora a descrição que Fidel fazia de si mesmo, como um homem justo e honesto que seguia os preceitos do líder da independência, José Martí. Destaca o uso constante de ideais como verdade, justiça, liberdade e honradez e as descrições detalhadas, com dados estatísticos, para dar credibilidade ao seu discurso. Corraello também analisa as estratégias discursivas, entre elas a interrogação retórica e o uso do tempo a partir da fórmula “passado/presente”, articulando o antes e o depois da Revolução (CORRAELLO, 2016, p. 254).

Quanto aos trabalhos que abordam a participação das mulheres na Revolução e os sentidos atribuídos às mulheres nos discursos, cabe apontar que são cada vez mais numerosos. Cassia Vassi (2007), uma das pioneiras nesses temas no Brasil, destaca que a imagem da mãe e guerrilheira foi utilizada como uma das estratégias para formar a “nova sociedade” socialista. Nos discursos, “a ênfase no papel da mulher sempre presente, combativa e atuante na história do país pode ser vista como a criação de uma narrativa para ‘estimulá-la’ a continuar lutando [...] para mudar a sociedade” (VASSI, 2007, p. 160). Já Giselle Cristina dos Anjos Santos (2021), trabalhando com a interseccionalidade, analisa a manutenção de um quadro simbólico de representações subalternas em relação às mulheres negras.

⁴ Cabe esclarecer que os arquivos dos discursos não possuem paginação.

⁵ Esse número pode variar em pelo menos 100 discursos dependendo da coletânea ou fonte de informação consultada. Essas divergências revelam que o portal *online* é dotado de confiabilidade e autenticidade, mas pode ser o resultado de uma seleção de discursos a serem divulgados pelo Estado cubano (RODRIGUES, 2024).

⁶ A primeira década após a vitória da Revolução (1959-1968) apresenta a maior concentração de discursos de Fidel, com 30,3% da quantidade total (RODRIGUES, 2024).



Cabe apontar também que algumas mulheres atuaram no primeiro escalão do governo revolucionário nos anos iniciais. Logo após a vitória da Revolução, Elena Mederos assumiu o Ministério de Bem-Estar Social, sendo a única mulher no gabinete central do presidente Manuel Urrutia. Representando uma ala mais conservadora, sua indicação mostra que muitos membros do gabinete não participaram diretamente do movimento guerrilheiro, mas eram fruto de uma ampla aliança contra a ditadura de Fulgêncio Batista (GUEVARA, 2023). Quanto às guerrilheiras, destacam-se Haydée Santamaría, nomeada presidente da instituição cultural *Casa de las Américas*, criada em 1959 (MÜLLER, 2021), e Vilma Espín, presidente da Federação das Mulheres Cubanas (FMC), fundada em 1960 com o objetivo de integrar as mulheres à nova sociedade (SANTOS, 2021). Pela sua posição de destaque na FMC e em seus congressos, Espín era uma das mulheres mais citadas por Fidel em seus discursos.

Vale ressaltar que, em Bourdieu, a dominação masculina possui mecanismos profundos e não está só na ordem do discurso e das intenções. A construção simbólica das mulheres “não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem legitimá-la” (BOURDIEU, 2025, p. 24), está incorporada nas práticas, nos rituais e nas estruturas inconscientes. Outra ressalva que merece ser feita é que, para Bourdieu, o conteúdo dos discursos não informa o suficiente a respeito do seu sentido social. Antes dele, viria a posição do sujeito que enuncia dentro de seu campo específico. A posição central de Castro no campo da política, nesse sentido, seria mais relevante que o próprio discurso.

Mesmo assim, trago os discursos como fonte de pesquisa válida para pensar o simbólico e ter acesso a um dos domínios da prática da maior autoridade da Revolução Cubana. Correspondem a um espaço social em que Fidel, a partir de sua posição no campo da política, expressava seu poder simbólico, consciente ou inconscientemente, e tentava definir a nova sociedade e a nova mulher adequada ao socialismo. E para interpretar essas fontes, recorro a autores que dialogam com as teorias de Bourdieu, articulando com a metodologia da Análise do Discurso.



Também é importante destacar que, devido ao pouco espaço que disponho aqui e à grande quantidade de discursos disponíveis, escolho analisar cinco discursos na terceira seção. E é evidente que, para Bourdieu, o poder simbólico não reside apenas nos sistemas simbólicos, assim como a dominação não envolve apenas a vontade única de um chefe de Estado. Se define em uma “relação determinada” “entre os que exercem o poder e os que lhes estão sujeitos” (BOURDIEU, 1989, p. 14). Mas, ciente disso, opto por focar especificamente na produção simbólica expressa nos discursos, nos complexos e diversos sentidos atribuídos às mulheres, enquanto os discursos de maior impacto social naquele contexto.⁷

Para Bourdieu, os discursos são como práticas do mundo social que ocorrem em um determinado campo, onde agentes em diferentes posições disputam pelo poder simbólico. O discurso dominante, por exemplo, está relacionado à posição privilegiada do sujeito na estrutura do campo e possui uma função ideológica e um caráter estruturado e estruturante. Nesse sentido, “o que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daqueles que as pronuncia, cuja produção não é da competência das palavras” (BOURDIEU, 1989, p. 15), mas do sistema de posições e da relação de força que se estabelece entre quem produz e reproduz as palavras.

Para além das estratégias conscientes, quem enuncia um discurso também é movido pelo *habitus*. As ações e pensamentos de um indivíduo são orientadas por percepções incorporadas no corpo e na subjetividade através da socialização, como “depositários de princípios de visão e de divisão sexualizantes” (BOURDIEU, 2025, p. 26). Fazendo parte desse mundo social, a maneira de falar também perpassa por esse sistema de classificação de todas as coisas a partir da oposição entre o masculino e o feminino (BOURDIEU, 2025, p. 56).

⁷ Tenho em mente que este artigo poderá ser complementado posteriormente com discursos e textos das mulheres que faziam parte dessa relação de dominação e da luta pelo poder simbólico. Alguns exemplos seriam Vilma Espín e Haydée Santamaría, citadas anteriormente.



Seguindo a perspectiva de Bourdieu, Patrick Charaudeau entende a política como um “campo de batalha” em que se trava uma “guerra simbólica” para estabelecer a dominação (CHARAUDEAU, 2018, p. 46). Nesse sentido, o discurso é constitutivo do político, pois está ligado à palavra que intervém nos espaços de discussão e de persuasão. É, “ao mesmo tempo, lugar de engajamento do sujeito, de justificação de seu posicionamento e de influência do outro, cuja encenação varia segundo as circunstâncias de comunicação” (CHARAUDEAU, 2018, p. 43). Giraudo (2010), ao analisar a autodefesa de Fidel, “A história me absolverá”, considera-a como um discurso político justamente por ser uma ferramenta de luta para impor uma visão de mundo e para desarticular o discurso, então dominante, de Fulgêncio Batista.

Dessa forma, a metodologia adotada será a Análise do Discurso. Para a socióloga britânica Rosalind Gill (2002), o discurso também é uma prática social e circunstancial. Sua análise requer uma leitura cética, percebendo sua construção; a seleção e codificação de acordo com as questões de interesse; a identificação de padrões e a análise da regularidade e variabilidade dos dados e possíveis contradições; e uma descrição minuciosa da análise, do texto e do contexto. Sendo assim, “em uma análise final, a análise do discurso é uma interpretação, fundamentada em uma argumentação detalhada e uma atenção cuidadosa ao material que está sendo estudado” (GILL, 2002, p. 266).

Primeiramente, portanto, será feita uma breve apresentação das noções de poder simbólico e dominação masculina em Pierre Bourdieu, associando-as às fontes da pesquisa. Em seguida, serão analisados alguns discursos de Fidel Castro, entre 1959 e 1965, a fim de responder a pergunta norteadora. Assim, volta-se o olhar para a produção simbólica, associada, principalmente, às mulheres. Mesmo pensando em categorias que vão para além dos discursos, a teoria de Bourdieu é utilizada aqui para perceber como os discursos políticos dominantes perpassam pela dominação simbólica, fazendo parte da lógica da dominação masculina.



O poder simbólico e a dominação masculina em Pierre Bourdieu

| 12

Uma das principais vertentes para se pensar a natureza do poder na sociedade é a desenvolvida por Pierre Bourdieu. O sociólogo francês busca entender a estabilidade do poder, das estruturas e das hierarquizações sociais. Suas obras *O poder simbólico* (1989) e *A dominação masculina* (2025) se complementam na medida em que descrevem um tipo de poder que rege o mundo social, o poder simbólico, e uma estrutura histórica de dominação, incorporada através dos *habitus* e reforçada pelas grandes instituições, que permite que esse poder se mantenha e se exerça como se fosse natural.

Para Bourdieu, os sistemas simbólicos são instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento. São construídos a partir das posições dos sujeitos e, ao mesmo tempo, constroem e agem sobre os membros da sociedade, assegurando uma dominação. A produção simbólica sobre as mulheres, por exemplo, como elas devem agir numa determinada sociedade, são instrumentos da dominação masculina. Criado pela visão masculina, esse sistema de classificação é uma estratégia, não necessariamente calculada, que mobiliza de forma irreconhecível as divisões simbólicas entre masculino e feminino (BOURDIEU, 1989).

Em outubro de 1962, Fidel Castro fez um discurso voltado para as mulheres presentes no I Congresso Nacional da FMC. Definiu o povo cubano como composto por “*hombres y mujeres dignos*”, um povo que não tem medo das agressões imperialistas e que “*está lleno de razón, este es un pueblo que está lleno de dignidad, lleno de convicción, convencido de que le asiste el derecho, de que tiene derecho a hacer lo que está haciendo [...] y que lo que está haciendo en beneficio de su propio interés, sin dañar a nadie*” (CASTRO, 1962). Mesmo propondo a igualdade de oportunidades e trazendo pautas para melhorar a condição de vida das mulheres, houve diferenças no que significava ser homem e ser mulher na nova sociedade. As “*mujeres cubanas*” deveriam estar

“organizadas y conscientes de su tarea” no aumento da produção e, ao mesmo tempo, desempenhar sua “condición natural de madres” (CASTRO, 1962).

| 13 Vale ressaltar que no ano de 1961, Fidel falou especificamente sobre as mulheres camponesas em seus discursos, no contexto das campanhas de alfabetização nas áreas rurais. Na comemoração do dia do internacional do trabalho, destacou que um dos frutos da Revolução eram as “campesinas que están estudiando también en la capital, procedentes de los rincones más apartados de nuestra isla, de las montañas de Oriente o de Las Villas” (CASTRO, 1961a). Semanas depois, em um discurso em Havana em homenagem às mães dessas camponesas, afirmou que estas representavam o sucesso da Revolução no futuro. Para além do estudo, as associou, principalmente, às atividades tradicionalmente relacionadas às mulheres (CASTRO, 1961b):

quedan en los campos cientos de miles de campesinas que no han aprendido lo que ustedes están aprendiendo aquí, cientos de miles de campesinas que no saben coser, que no saben hacerse un vestido ni saben cómo hacérselo a los hijos [...] Nuestro plan era que al terminar el curso marcharan a los campos con una máquina de coser cada una de ellas, y por lo menos durante un año enseñaran gratuitamente a las demás campesinas. De esa forma, entonces, con 10 campesinas que enseñe cada una de ustedes tendremos 150 000 jóvenes y madres campesinas que sabrán coserse y coserles la ropa a los hijos (CASTRO, 1961b).

A partir desses exemplos, percebe-se que o poder simbólico é o poder de imposição de classificações sobre as mulheres em um processo de “eufemização” das relações de força. É exercido por uma fração da sociedade que determina que sua visão de mundo é legítima, mas deve ser reconhecido e “ignorado como arbitrário”. Assim, o poder simbólico é capaz de “construir a realidade” e produzir “efeitos reais sem dispêndio aparente de energia” (BOURDIEU, 1989, p. 15). Essas relações de sentido são, acima de tudo, relações de poder que dependem do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes envolvidos e podem gerar o aumento da concentração de poder simbólico.

O poder político, por exemplo, perpassa pela acumulação do poder simbólico. Enquanto um homem que conquistou o poder político, Fidel Castro



passou a monopolizar a produção simbólica sobre o mundo social após a Revolução. Pode ser entendido como um agente que estava na centralidade do campo da tomada de decisões políticas e, por isso, seus discursos tinham lugar de destaque em meio às trocas simbólicas do período. E cabe apontar que, como um homem inserido na estrutura da dominação masculina, já tinha *habitus* considerados compatíveis com o campo da política.

Silvia Giraud reforça que todo discurso dominante, aquele que consegue se estabelecer como legítimo, pressupõe a naturalização de categorizações na esfera pública, ou até privada, a partir de uma base ideológica associada ao *habitus* de quem está no poder (GIRAUDO, 2010, p. 147-148). Existe, então, uma função ideológica que é determinada pelos interesses da classe que a produz e pela lógica específica do campo de produção. E tende a impor um sentido de mundo como natural e universal por meio da “imposição mascarada” de sistemas de classificação políticos (BOURDIEU, 1989, p. 14), como aqueles associados às mulheres cubanas.

O poder simbólico, portanto, tem como desdobramento a definição da dominação masculina. Esse tipo de dominação é uma estrutura histórica que se tornou invisível, inclusive para as próprias mulheres (BOURDIEU, 2025). Em junho de 1961, por exemplo, Fidel fez um discurso em uma cerimônia de entrega de certificados à pessoas recém-alfabetizadas. Ele chamou ao púlpito uma idosa recém-alfabetizada como exemplo do sucesso das campanhas de alfabetização em massa daquele ano. Ao responder às perguntas de Fidel, a idosa comentou que não queria ser apenas um exemplo: “*Yo quiero que usted me tenga a mí como una mascota hasta que yo me muera*” (CASTRO, 1961c). Essa fala, da qual Fidel concordou prontamente, mostra como as mulheres, nessa estrutura, podem colocar a si mesmas numa posição de inferiorização ou de objetos simbólicos, submetidas ao olhar masculino (BOURDIEU, 2025).

Ao elogiar a idosa, Fidel comentou que “*no voy a llamar anciana, porque tiene un pensamiento revolucionario y un pensamiento joven*”. Também destacou que “*la señora que vino aquí a hablar decía algo que es como una*



revelación del porqué no tenían interés las clases dominantes en que el pueblo aprendiera” (CASTRO, 1961c). Na perspectiva de Bourdieu, o próprio uso do termo “*revolucionario*” e “*revelación*” como um elogio é, inconscientemente, uma característica da estrutura de dominação masculina. As noções de revolução e de ações e pensamentos que “marcam rupturas no curso ordinário da vida” estão situadas no polo onde se encontram os homens (BOURDIEU, 2025, p. 56). Para serem exemplos, portanto, as mulheres devem estar mais próximas dos princípios considerados dominantes.

Em dezembro de 1963, Fidel fez outro discurso em uma cerimônia de formatura, dessa vez de professoras do instituto pedagógico e de camponesas na escola primária. Ao falar sobre as professoras recém-formadas, falou que “*estas compañeras llevan dos años estudiando y enseñando [...] combinando el estudio con el trabajo*” (CASTRO, 1963b). Por isso, “*no vaya nadie a creer que estas compañeras, aunque residen en Siboney,⁸ son unas niñas mimadas ni aristocratas; estas compañeras estudian y trabajan*” (CASTRO, 1963b), principalmente lecionando para as camponesas e nas brigadas de alfabetização. Nesses anos iniciais, Fidel reforçou, em alguns discursos sobre a alfabetização, esse ideal esperado para as mulheres jovens, aquela que trabalhava, estudava e se dedicava ao trabalho voluntário, principalmente nas áreas rurais do país.

Destacou que essas professoras “*van a ser encaminadas a distintos tipos de estudios*” nas universidades, escolhidos “*según su vocación y según las facilidades que tienen para los distintos estudios*” (CASTRO, 1963b). Mesmo citando outras ocupações para as professoras e camponesas, o foco foi dado para áreas de pedagogia e enfermagem. Enfatizou que “*hay incluso una campesina que quiere estudiar piano*” (CASTRO, 1963b). É interessante notar que, em um discurso em setembro de 1964, na formatura de médicos, por exemplo, não houve referências às mulheres (CASTRO, 1964). Ao fazer uma análise atenta, percebe-se a exaltação da participação das mulheres em profissões mais próximas da

⁸ Pequeno vilarejo cubano, a 20 quilômetros de Santiago de Cuba, conhecido pelas praias turísticas.



definição tradicional de atividades femininas, como a do ensino. Entende-se também que a dominação masculina se mantém mesmo diante das “mudanças mais visíveis na condição das mulheres” (BOURDIEU, 2025, p. 167-168), como o fim do analfabetismo e a maior inserção nas universidades.

Para Bourdieu, a dominação masculina não precisa ser legitimada porque foi internalizada nos corpos através dos *habitus*. Esses aprendizados da infância orientam os pensamentos dos indivíduos, sendo importantes para compreendermos a trajetória de Fidel e sua percepção e forma de falar sobre as mulheres. Nascido em uma família religiosa e de origem camponesa (BETTO, 2016), Fidel foi educado num “*habitus* viril, e portanto não feminino”. Viveu seus primeiros anos em uma zona rural de Cuba, um espaço social “altamente diferenciado”, organizado segundo a divisão fundamental entre masculino e feminino (BOURDIEU, 2025).

Em entrevista concedida a Frei Betto em 1985, Fidel fez longas considerações sobre sua infância. Descreveu seu pai como “um homem ativo, movimentava-se bastante, era empreendedor e tinha capacidade natural de organização” (BETTO, 2016, p. 74). Por outro lado, sua mãe, assim como suas tias e avós, foi apresentada a partir de um forte sentimento religioso, uma “cristã fervorosa, rezava todos os dias”, fazendo diversos tipos de promessa pela segurança dos filhos (BETTO, 2016, p. 82). O pai “estava mais preocupado com outros assuntos, com a política, a labuta diária” (BETTO, 2016, p. 84).

Vale ressaltar que o pai de Fidel acumulou certa riqueza e terras próprias, se dedicando à exploração de madeira e ao cultivo de cana (BETTO, 2016, p. 77-78). Apoiava, inclusive, campanhas políticas e “como proprietário de terra, controlava a maioria dos votos, já que muita gente não sabia ler e escrever” (BETTO, 2016, p. 89). Esses fatos demonstram uma posição social relativa da família de Fidel no campo da política, em comparação às famílias que moravam em suas extensões de terra (BETTO, 2016, p. 79).

Quanto aos seus valores, Fidel destacou os sentidos de justiça, honra, disciplina, dever, esforço e dignidade pessoal, relacionados à educação recebida



em casa e pelos professores jesuítas (BETTO, 2016, p. 130). Considerou que tinha uma “vocação” para a revolução, já que seus primeiros atos de rebeldia foram ainda criança, na escola, quando “falo em voz alta, digo todas as palavras que me pareciam proibidas” (BETTO, 2016, p. 96). Afirmou, inclusive, que “já nasci guerrilheiro, porque nasci de noite” (BETTO, 2016, p. 76). Relembrou também suas experiências com os esportes, as caças com estilingue, as rinhas de galo e os castigos físicos na escola (BETTO, 2016).

Na perspectiva de Bourdieu, essas práticas representam jogos viris que buscam a ruptura do menino com o mundo materno, garantindo sua “progressiva masculinização” (BOURDIEU, 2025, p. 48-49). Também visam tornar os meninos aptos para as áreas de trabalho “mais favoráveis ao desenvolvimento da virilidade”, como a política, os negócios e a ciência. Nessa estrutura, o poder e os cargos associados a ele são atributos caracteristicamente masculinos (BOURDIEU, 2025, p. 162). Desde a educação primária, portanto, meninos e meninas são estimulados de forma diferente a se engajarem nesses jogos (BOURDIEU, 2025, p. 95-96).

Esses aspectos revelam uma experiência precoce com interações baseadas na estrutura de dominação masculina. Além da divisão sexual do trabalho e do espaço, percebe-se no relato de Fidel para Frei Betto a exaltação de valores masculinos, como a aptidão para o combate, o exercício da violência, associada à vingança, e a busca por distinção na esfera pública, a partir da coragem física ou moral. Em oposição, a honra das mulheres é vista como essencialmente negativa, associada ao devotamento, à fidelidade e à abnegação (BOURDIEU, 2025, p. 88-89).

Tendo em mente essas definições, busca-se agora analisar mais a fundo traços dessa estrutura nos discursos de Fidel, após a Revolução Cubana. Envolve selecionar trechos que remetem à dimensão simbólica, ou seja, à divisão simbólica entre homens e mulheres, à classificação ou ao papel designado para as mulheres naquele contexto. E, assim, perceber como e de que forma ele reforçava



a dominação masculina, como a história incorporada através dos *habitus* se fez presente em seus discursos.

Os discursos de Fidel Castro (1959-1965)

| 18

A Revolução Cubana de 1959 representou a vitória do nacionalismo libertário na ilha caribenha. A luta armada liderada por Fidel Castro propôs uma revolução nacional e anti-imperialista de forças organizadas e alianças conjunturais e a criação de uma sociedade democrática e igualitária (FERNANDES, 2012). Na perspectiva de Álvaro García Linera, uma revolução, ao tomar o poder e instaurar uma nova ordem política, “*será la intermediaria privilegiada y portadora de una opción realizable de mundo*” (LINERA, 2020, p. 161). Por isso, Ana Maria Corrarello entende que “*la acción política no es comprensible fuera del orden simbólico que la genera y del universo imaginario que ella misma engendra*” (CORRARELLO, 2006, p. 6).

Sob o ponto de vista de Bourdieu, as revoluções são uma espécie de luta entre a história objetivada e a história incorporada. Para o autor, toda ação envolve esses dois estados da história que se influenciam mutuamente e que representam “a acumulação nas coisas e nos corpos de um conjunto de conquistas históricas” (BOURDIEU, 1989, p. 100). Em situações revolucionárias, os agentes se esforçam para se apropriar dos postos e procuram estabelecer novos sentidos possíveis em oposição ao provável, oriundos da relação dóxica com o mundo social. Mas o peso da história objetivada e incorporada tende a sobrepor o provável ao possível. E conforme a história avança, estes possíveis tornam-se cada vez mais difíceis de serem realizados:

quanto mais um poder dura, maior é a parte irreversível com a qual terão de contar aqueles que conseguirem derrubá-lo. É isso que se vê em situações pós-revolucionárias em que a história reificada e incorporada opõe a sua resistência surda e dissimulada às atitudes e às estratégias reformistas ou revolucionárias, elas próprias em grande parte definidas pela mesma história que tencionam combater. A história instituída vence as revoluções parciais (BOURDIEU, 1989, p. 102).



Bourdieu é cético em relação a esses “desvios” ou políticas que esperam da conscientização ou da vontade uma transformação das estruturas objetivas (BOURDIEU, 1989, p. 102-103). Para o autor, a tomada de consciência não é suficiente para acabar com a discriminação ou a desigualdade de gênero, por exemplo. A própria revolução simbólica, reconhecida por Bourdieu (2025), pressupõe uma ação política complexa e a longo prazo que leve em consideração todos os efeitos da dominação e que destrua completamente o princípio de divisão simbólica e crie novas categorias. No caso cubano, ao derrubar a ditadura de Batista, a Revolução contou com a resistência dos *habitus* e dos sentidos de mundo já consolidados na história instituída. Cabe entender, então, como essa lógica se fez presente nos sentidos atribuídos às mulheres nos primeiros anos.

No dia 1º de janeiro de 1959, Fidel Castro fez seu primeiro discurso diante da vitória da Revolução. Enquanto as tropas de Che Guevara e Camilo Cienfuegos chegavam à Havana, Fidel fazia seu pronunciamento no Parque Céspedes de Santiago de Cuba e partia para uma peregrinação até a capital. Viajou toda a extensão da ilha ao longo de uma semana, realizando comícios e percorrendo trajetos em carros abertos para criar proximidade com a população (GOTT, 2006, p. 193). Se direcionando ao povo de Santiago, proclamou a tomada do poder pelo governo provisório, no qual assumiu, inicialmente, o cargo de comandante das forças armadas (CASTRO, 1959).

No discurso, fez algumas análises sobre o passado de lutas pela independência de Cuba. Destacou que, daquela vez, uma Revolução chegava, de fato, ao poder e alertou sobre os desafios que os cubanos poderiam enfrentar, principalmente naquela fase inicial. Mas demonstrou confiança de que quando o povo se sentisse ameaçado pela tirania ou precisasse lutar pela liberdade, haveria centenas de milhares de cubanos dispostos a pegar em armas, entre eles homens e mulheres (CASTRO, 1959).

Ao falar sobre as mulheres, citou o exemplo do Pelotão Mariana Grajales. Criada no ano anterior, com o objetivo de incorporar as mulheres à guerrilha, esta tropa havia se destacado em diversas batalhas, provando que as mulheres



também tinham capacidade de lutar (CASTRO, 1959). Cabe apontar que o nome foi uma homenagem à Mariana Grajales, uma das principais guerrilheiras da guerra de independência, no final do século XIX. Era exaltada nos discursos oficiais pela sua entrega à luta armada, pela transmissão da consciência nacional e por ter estimulado seus filhos a irem para o campo de batalha (LOYOLA VEGA, 2002; VASSI, 2007). Assim, Fidel destacou que:

está demostrado que no solo pelean los hombres, sino pelean las mujeres también en Cuba, y la mejor prueba es el pelotón Mariana Grajales, que tanto se distinguió en numerosos combates. Y las mujeres son tan excelentes soldados como nuestros mejores soldados hombres [...] Yo quería demostrar que las mujeres podían ser tan buenos soldados, y que existían muchos prejuicios con relación a la mujer, y que la mujer es un sector de nuestro país que necesita también ser redimido, porque es víctima de la discriminación en el trabajo y en otros muchos aspectos de la vida. Organizamos las unidades de mujeres, que demostraron que las mujeres pueden pelear. Y cuando en un pueblo pelean los hombres y pueden pelear las mujeres, ese pueblo es invencible (CASTRO, 1959).

Nessa passagem, Fidel enalteceu a atuação das mulheres combatentes, igualando-as aos homens no espaço da guerra. Para elogiá-las, afirmou que elas lutaram tão bem quanto os homens. Seguindo a perspectiva de Bourdieu, essa comparação de desempenho demonstra que “o princípio masculino é tomado como medida de todas as coisas” (BOURDIEU, 2025, p. 31). Bourdieu também explica que, na estrutura de dominação masculina, a humilhação de um homem está associada à sua “feminilização”, verificada, por exemplo, em relatos de torturas e em deboches sobre sua virilidade (BOURDIEU, 2025, p. 43). Nessa mesma lógica, para exaltar as mulheres, Fidel as descreveu com *habitus* considerados “não femininos”, como se tivesse “masculinizando-as”. Segundo Bourdieu:

Para chegar realmente a conseguir uma posição, uma mulher teria que possuir não só o que é explicitamente exigido pela descrição do cargo, como também todo um conjunto de propriedades que os ocupantes masculinos atribuem usualmente ao cargo, uma estrutura física, uma voz ou aptidões como a agressividade, a segurança, a “distância em relação ao papel”, a autoridade dita natural etc., para as



quais os homens foram preparados e treinados tacitamente enquanto homens (BOURDIEU, 2025, p. 106).

21 | Nesse caso, apesar de afirmar que estava tentando romper com a discriminação, igualar as mulheres aos homens ou atribuir a elas virtudes como aptidão para a luta reforçava a dominação masculina. Para além de ser um espaço de poder dos homens, onde eles cediam parte desse espaço para “as melhores soldados” (SCHACTAE, 2017, p. 9), a luta armada foi apresentada nos discursos como uma prática em que as mulheres, para se destacarem, precisavam ser parecidas com os homens, em virtudes, *habitus* e desempenho. Sendo assim, “se elas agem como mulheres, parecem incapazes e inadequadas à situação” (BOURDIEU, 2025, p. 114).

Entre as virtudes dominantes masculinas, Castro enfatizou a noção de honra. Comentou que o exército rebelde havia convidado “*a todos los militares honorables a unirse al movimiento*” e que “*lo primero que debe tener un militar es honor, que lo primero que debe tener un militar es palabra*” (CASTRO, 1959). Nesse caso, esclareceu que os militares aliados eram aqueles que demonstravam confiança e que reconheciam verdadeiramente os problemas da ditadura de Batista. A honra, segundo Bourdieu, é um conjunto de aptidões ideais consideradas nobres, como uma “força superior” que guia o pensamento e a ação dos homens. Incorporada como disposições aparentemente naturais, a honra está relacionada à afirmação da virilidade e à distinção na esfera pública (BOURDIEU, 2025, p. 87-88).

Em agosto de 1960, Fidel fez um discurso no evento de fundação da Federação das Mulheres Cubanas (FMC). Esta organização buscava garantir a mobilização rápida e massiva das mulheres para as tarefas da Revolução. Entre as atividades desempenhadas pelas federadas estava o trabalho voluntário nas campanhas de alfabetização, a mobilização militar durante as invasões, a desarticulação dos grupos contrarrevolucionários, a construção de casas, a produção de açúcar e o trabalho nas fábricas. Velia Bobes destaca que a FMC não tinha em sua agenda uma perspectiva feminista ou de defesa da identidade de



gênero. A organização deu prioridade aos interesses do Estado em detrimento de demandas específicas das mulheres (BOBES, 1999, p. 105-106). Segundo a autora:

| 22

Aunque el discurso político de los primeros años (tanto como las políticas estatales de justicia social y redistribución del ingreso) declaró como una prioridad el fin de la discriminación de la mujer, esta meta no se tradujo en políticas creadas específicamente para y dirigidas a este grupo social, pues se creía que el fin de la explotación, la incorporación de la mujer al trabajo y las políticas igualitaristas eliminarían por sí solas la discriminación (BOBES, 1999, p. 102).

Nesse contexto, o governo revolucionário estava engajado, principalmente, na implementação da primeira lei de reforma agrária, iniciada no ano anterior. Em junho de 1960, foram nacionalizadas as refinarias norte-americanas que se recusaram a processar o petróleo soviético recebido pela ilha. Em agosto, os Estados Unidos, comprometidos com a formação de uma opinião pública contra a Revolução, articulou a expulsão de Cuba da Organização dos Estados Americanos (OEA) (VILABOY; GALLARDO; ARANA, 2020 p. 241). Nesse sentido, Fidel explicou a fundação da FMC como uma “resposta digna” ao imperialismo, mostrando que as mulheres estavam preparadas para defender a Revolução (CASTRO, 1960).

Fidel começou seu discurso exaltando “*el extraordinario espíritu revolucionario de las mujeres cubanas*” e “*la participación activa de la mujer cubana*” na Revolução. Afirmou, inclusive, que isso não era uma novidade para o país (CASTRO, 1960). Falou sobre as mulheres que atuaram na história de Cuba, como símbolos da coragem, força e resistência dos cubanos, como “*la imagen del alma de un pueblo*” (CASTRO, 1960). Segundo ele, “*una de ellas las simboliza a todas: Mariana Grajales, aquella que le dijo al hijo más pequeño: ‘¡Empínate, para que vayas a luchar también por tu patria!’*” (CASTRO, 1960). O símbolo de Grajales foi o ponto de partida para elogiar a figura materna, a mulher que se sacrificava e que incentivava os filhos a lutarem contra a tirania. Deixou claro que:

todas las madres son heroicas, porque nadie ha sufrido en Cuba como han sufrido las madres —, madre heroica es la madre de nuestro inolvidable Frank País, que perdió dos hijos en la contienda y que, para prestigio de la Federación de Mujeres Cubanas, preside a las mujeres de Oriente; o como la señora madre de los Ameijeiras, que perdió tres hijos; o como aquella campesina del Oro de Guisa, a la que los esbirros de Sosa Blanco le asesinaron siete hijos y el esposo. Madres heroicas han sido todas las madres que vieron caer a sus hijos asesinados o combatiendo; y madres también dignas de consideración y de respeto, aquellas que vieron a sus hijos arrastrados al crimen por la tiranía infame, porque también han tenido que sufrir las consecuencias del pasado odioso (CASTRO, 1960).

Nessa e em outras passagens, Fidel considerou que a união das mulheres se devia ao simples fato de terem filhos. A figura dos filhos foi usada de forma recorrente para comover as mulheres, filhos esses que foram mortos pelas tropas de Batista ou que não queriam ser explorados pelos imperialistas. Para ele, “*basta ser madres para sentirse unidas en esa noble aspiración y para sentirse unidas estrechamente en el desprecio a la injusticia*” (CASTRO, 1960). A partir disso, mesmo elogiando a atuação das mulheres na história, Fidel perpetuava a função materna e reprodutora das mulheres, organizada em torno dos interesses materiais e simbólicos da descendência, isto é, dos homens.

Outros exemplos citados de “*mujeres heroicas*” foram Lídia e Clodomira, guerrilheiras de Sierra Maestra que foram assassinadas pelas tropas de Batista em 1958. Destacou que “*Lidia había sido una formidable colaboradora desde los primeros momentos; y Clodomira era una joven campesina, humilde, de una inteligencia natural grande y de una valentía a toda prueba*” (CASTRO, 1960). Ambas se mantiveram fiéis à Revolução, mesmo quando foram capturadas, e não delataram os outros guerrilheiros. Foram torturadas e mortas “*sin que revelara un solo secreto ni dijera una sola palabra al enemigo*” (CASTRO, 1960).

Fidel também enfatizou as “*centenares de mujeres que ya han aprendido los primeros auxilios, para socorrer al combatiente si lo necesita*” (CASTRO, 1960). As mulheres foram colocadas aqui no papel tradicional de cuidado e acolhimento dos homens na luta contra o imperialismo. Mas, por outro lado,



falou sobre dar oportunidades às mulheres “*en todos los órdenes*”, deixando claro que “*las mujeres pueden manejar las armas, y las mujeres pueden combatir [...] y deben ser, sobre todo, la gran reserva en la lucha; deben ser las que sustituyan a los combatientes, cuando caigan*” (CASTRO, 1960).

Percebe-se que mesmo incluindo as mulheres nas tarefas de combate, Fidel comentou que elas tinham a função principal de substituir os homens, caso fosse necessário. O espaço de defesa da Revolução diante dos ataques imperialistas estava, primeiramente, reservado aos homens. Também reforçou a comparação do discurso anterior, de que aquelas que combateram diretamente durante a guerrilha fizeram “*una proporción de bajas mayor que las que le habían hecho los hombres en otros combates*” (CASTRO, 1960).

As mães e guerrilheiras foram apresentadas, então, como símbolos de lealdade e de sacrifício em nome dos filhos e da Revolução, como exemplos que as federadas deveriam seguir. Como foi visto na seção anterior, essas virtudes estão constantemente associadas às mulheres na dominação masculina. A própria FMC, como uma iniciativa do governo revolucionário, era uma instituição subordinada às autoridades masculinas e que corroborava com essa estrutura. Segundo Gisele dos Anjos Santos, a organização não tinha autonomia efetiva e foi conduzida pelo governo, constituído, principalmente, por homens. A presidente da FMC, Vilma Espín, também atribuía constantemente os aspectos positivos de seu trabalho às escolhas das lideranças masculinas (SANTOS, 2021, p. 269).

No dia 1º de outubro de 1962, Castro fez um discurso, já citado anteriormente, durante o encerramento do I Congresso Nacional da FMC. O evento buscou debater os avanços realizados nos dois anos anteriores e os novos projetos da federação (CASTRO, 1962). Nesse sentido, o discurso focou no desenvolvimento da economia e da mão de obra, no aumento da produção para os anos seguintes e na importância da participação das mulheres nesse processo. Cabe apontar que 1962 é conhecido no calendário da Revolução como “o ano do planejamento”, associado à meta de planificar a economia e a sociedade em novas



bases socialistas, após a declaração do caráter socialista no ano anterior (PRADO, 2018, p. 51-52).

| 25

Nesse contexto, Cuba também passava por um novo período de tensões com os Estados Unidos. Além do aprofundamento do embargo econômico, a descoberta de armamento soviético em território cubano fez crescer a ameaça de uma invasão norte-americana, durante a chamada Crise dos Mísseis. A resolução da crise se deu com um acordo entre União Soviética e Estados Unidos e gerou descontentamentos em Cuba pela ausência de representantes do país. Segundo Gilliard Prado, este evento caracteriza a estratégica, mas instável relação de amizade entre Cuba e União Soviética (PRADO, 2018, p. 169-170).

Assim como o discurso anterior, Fidel enfatizou que *“en el mundo que estamos construyendo, es necesario que desaparezca todo vestigio de discriminación en la mujer”* (CASTRO, 1962). Falou sobre o aumento do número de mulheres nas universidades e em diversas profissões e que *“es necesario que las mujeres se vayan abriendo paso, no solo en distintos tipos de trabajo manual, sino también en el trabajo intelectual”* (CASTRO, 1962). Nesse sentido, garantiu que o governo daria todas as condições necessárias para que as mulheres pudessem desenvolver suas capacidades. A FMC, por exemplo, teria como tarefas a criação de creches, lavanderias e refeitórios para *“aliviar a la mujer de una serie de tareas que hoy la esclavizan y le roban una enorme cantidad de tiempo que le quitan a la producción”* (CASTRO, 1962). Destacou que:

En la misma medida en que nosotros somos un país pequeño, con grandes recursos naturales de posible desarrollo, necesitaremos más técnicos y más brazos para poder aprovechar todos esos recursos y elevar el estándar de vida general del pueblo. Luego, por eso, necesitamos incorporar a la mujer a la producción. Pero para que la mujer se incorpore a la producción y al mismo tiempo siga desempeñando esa trascendental función de la reproducción, es necesario que la mujer cuente dentro de la sociedad con una serie de instituciones y de recursos que le permitan ser trabajadora y, al mismo tiempo, ser madre (CASTRO, 1962).



Este trecho ilustra que o foco do discurso era o trabalho produtivo para o desenvolvimento da economia. Apesar de citar o trabalho intelectual, Fidel enfatizou mais a incorporação das mulheres no planejamento de industrialização rápida e de diversificação da agricultura, demonstrando quais eram as prioridades do governo. E mesmo defendendo o fim da discriminação e a diminuição da carga de trabalho doméstico, continuou reforçando a estrutura de dominação masculina. Seguindo a perspectiva de Bourdieu (2025), pode-se afirmar que a exigência da função materna mostra que esta era entendida como uma capacidade “natural” das mulheres, um sentido “universal” de cuidado dentro da divisão das atividades.

Em um verbete sobre o tema, Lurdes Fidalgo destaca que no século XX, apesar do aumento da entrada das mulheres no mercado de trabalho, “a ideologia da maternidade intensiva” persistiu. Mas os discursos sociais passaram a se centrar mais no desempenho de uma “maternidade adequada”, de acordo com os efeitos observados nos filhos, e menos nas dificuldades enfrentadas na criação de uma criança (FIDALGO, 2005, p. 119-120). O discurso da abnegação tornou-se um traço consubstancial à identidade da mulher, como um marcador da qualidade do cuidado dos filhos e, até mesmo, do marido. Na mesma linha de reflexão de Bourdieu, considera que a experiência da maternidade “faz com que as mulheres tenham o desejo de se adequar a modelos socialmente prescritos, o que faz deste acontecimento um lugar onde a reprodução social tem peso significativo” (FIDALGO, 2005, p. 124).

Ao longo do discurso, Fidel também criou narrativas sobre os avanços da produção na ilha. Uma delas era sobre a qualidade da fabricação de calçados, “*de manera que el zapato no dure dos meses, dure seis o dure más, y sobre todo que no se caigan los tacones de las mujeres*” (CASTRO, 1962). Na dominação masculina, o símbolo do salto alto, como um princípio da identidade feminina, revela uma espécie de “confinamento simbólico”. As meninas são educadas a partir de uma “disciplina incessante” que se exerce continuamente através dos trajes e penteados (BOURDIEU, 2025, p. 51). O uso do salto alto, nesse sentido,



é uma forma de limitar o corpo ou mantê-lo dentro de uma “ordem”, sem precisar de proibições ou coação explícitas (BOURDIEU, 2025, p. 54).

| 27

Ao final do discurso, Fidel falou sobre a necessidade de *“ique las mujeres se sitúen en primera fila, en esta Revolución que tanto significa para la mujer cubana, en esta Revolución que tanto significa para los hijos de las mujeres cubanas!”* (CASTRO, 1962). Descreveu as “*mujeres cubanas*” como aquelas *“cuyos hijos y cuyos esposos están en los centros de trabajo impulsando la Revolución; madres cubanas, quienes como ustedes están en el primer lugar del corazón de cada cubano”* (CASTRO, 1962). Essas passagens mostram que a produção simbólica sobre elas estava diretamente associada à imagem dos filhos e dos maridos. Elas seriam as responsáveis pela criação de homens que estavam fazendo muito pela Revolução, caracterizados com virtudes masculinas e atividades bem-sucedidas.

Em janeiro de 1963, Fidel fez um discurso no encerramento do Congresso das Mulheres de toda a América, realizado em Havana. Durante o evento, delegações de diversos países apresentaram relatórios sobre a condição das mulheres no continente. No discurso, Fidel definiu que a “*mujer cubana*”, diferentemente da “*mujer americana*”, era revolucionária e já tinha a chance de contribuir para o aumento da produção, vivendo em um país que não discriminava e nem explorava mais as mulheres: *“Y es que las mujeres cubanas tienen la oportunidad de hacer todo eso, y las mujeres americanas necesitan de esa oportunidad”* (CASTRO, 1963a). Afirmou que a mulher “*constituye parte esencial de cada pueblo*” e que Cuba estava disposta a ajudar os outros países a conquistarem os mesmos avanços (CASTRO, 1963a). Nesse sentido, comentou que:

el concepto burgués de la mujer ha ido desapareciendo en nuestro país. Los conceptos estigmativos, discriminadores, han ido realmente desapareciendo en nuestro país, y las masas de mujeres han captado esa realidad. Y el prejuicio es sustituido por un concepto nuevo, donde se valoran las cualidades de la mujer para una serie de actividades sociales, en algunas de las cuales demuestran excepcionales



virtudes. Un ancho campo de acción, de actividad, se ha abierto para ellas (CASTRO, 1963a).

Mesmo falando sobre a criação de um “novo conceito”, Fidel continuou associando a mulher aos símbolos de mãe e esposa. Reforçou para as delegações que “*no puede haber derecho de mujer en nuestra América, ni derecho de niños, ni derecho de madres, ni de esposas, si no hay revolución*” (CASTRO, 1963a). Considerando que o público deste discurso era composto, principalmente, por mulheres, deu destaque para os dados sobre mortalidade infantil e o número de crianças desnutridas e fora da escola na América. E detalhou os avanços na educação em Cuba, mostrando que a Revolução se preocupava com a melhoria na qualidade de vida não só das mulheres, mas também de seus filhos (CASTRO, 1963a).

Durante o discurso, apontou algumas mulheres como símbolos dessas conquistas da Revolução. Citou Vilma Espín para explicitar o aumento da participação das mulheres na produção e os esforços para a criação de instituições que aliviassem o trabalho doméstico. Comentou, inclusive, que o foco do ano de 1963 era a criação das cantinas nas fábricas (CASTRO, 1963a). No calendário da Revolução, esse ano foi chamado de “ano da organização”, em referência à organização da economia e das forças produtivas para o desenvolvimento de todos os recursos do país (PRADO, 2018).

Ao citar o relatório apresentado por Espín, Fidel disse que precisava completar sua fala, já que faltavam alguns dados importantes. Afirmou que “*el recuento era largo, y aun así es posible que haya omisiones dentro de ese recuento, puesto que la Revolución ha hecho aún más por la mujer*” (CASTRO, 1963a). Este trecho reforça uma relação de dominação e de sentidos, em que os homens são considerados “mais aptos” para as discussões na esfera pública. A própria organização da FMC e o papel de Espín revelam que as posições de poder que as mulheres ocupavam estavam subordinadas ao poder masculino. Em estruturas como essa, o poder é considerado um “direito natural” dos homens,



enquanto as mulheres situam-se nas regiões dominadas da área do poder (BOURDIEU, 2025, p. 152).

29 | Quanto aos avanços na educação, falou sobre a pedagoga Elena Gil. Exaltou sua atuação na FMC e na direção de uma escola que formava professores alfabetizadores, influenciando também na formação moral e revolucionária dos estudantes. Sua escola, inclusive, formou camponesas e trabalhadoras domésticas com um “senso de responsabilidade” e “disciplina” e que *“tienen un método de trabajo, y que van combinando el estudio con el trabajo”*. Assim, comentou que *“nosotros no tenemos muchas Elena; pero, sin embargo, en el futuro tendremos cientos de Elena, porque son las muchachas formadas por ella”* (CASTRO, 1963a).

Dessa forma, Fidel enalteceu o trabalho das federadas nas reformas educacionais e nas campanhas de alfabetização. Mas cabe apontar que ele elogiou, principalmente, o papel dessas mulheres na coordenação de atividades de apresentação e de representação em congressos, na acolhida de estudantes que recebiam bolsas de estudo, na transmissão de valores e na seleção de mulheres para o trabalho de alfabetização (CASTRO, 1963a). Essas funções mantêm a ideia da mulher vinculada ao ensino e às atividades de acolhimento e recepção. Entende-se que, constantemente “direcionadas à gestão do capital simbólico das famílias, as mulheres são logicamente levadas a transportar esse papel para dentro da empresa” ou dos espaços de poder (BOURDIEU, 2025, p. 164).

No dia 24 de julho de 1965, Fidel discursou durante uma cerimônia de premiação dos trabalhadores de Santa Clara que se destacaram na colheita de cana de açúcar. Vale ressaltar que, em 1964, Cuba havia estabelecido um convênio açucareiro com a União Soviética, consolidando a nova estratégia de priorização do açúcar. Junto com o acordo, foi lançada a meta de produção de 10 milhões de toneladas de açúcar para 1970, tendo como base o crescimento do consumo de açúcar nos países soviéticos e os investimentos na mecanização da colheita (VASCONCELOS, 2016, p. 200-201). Nesse período, o desenvolvimento da produção de alimentos, principalmente de arroz, carnes e tubérculos, também



garantiu o fornecimento racionado de alimentos para a população (VALDÉS PAZ, 2011).

| 30

Nesse contexto, o sistema de incentivos ao trabalho voluntário era baseado nos incentivos morais, defendido por Che Guevara. Esses estímulos eram prêmios simbólicos como medalhas e diplomas concedidos aos trabalhadores que tinham altos rendimentos em suas funções. Eram mostrados em campanhas e discursos oficiais como exemplos que os outros deveriam seguir, visando o aproveitamento máximo da mão de obra do país. A intenção era, aos poucos, desenvolver uma consciência socialista e eliminar os incentivos materiais, como prêmios em dinheiro e bens de consumo (PERICÁS, 2018, p. 154-155).

Inicialmente, Fidel comunicou que estava entregando os prêmios para *“los hombres y mujeres que más se distinguieron en la gran batalla económica que significó la pasada zafra”* (CASTRO, 1965). Citou, portanto, a participação das mulheres nesse processo. Mas, ao longo do discurso, focou no papel dos homens e em suas virtudes caracteristicamente masculinas, como coragem, honra, responsabilidade e ética de trabalho. A condução de máquinas e tratores, o uso do facão e a aplicação de tecnologias agrícolas foram associados diretamente aos trabalhadores homens (CASTRO, 1965).

Para Bourdieu (2025), as atividades agrárias também estão marcadas pela oposição entre masculino e feminino. O trabalho da colheita costuma ser direcionado, principalmente, para os homens e o de germinação para as mulheres. Fidel reforçou essa estrutura atribuindo ao trabalho dos homens uma importância maior, em trechos como: *“antes el problema era dónde encontrarán trabajo los hombres, y ahora el problema es dónde hay hombres para hacer los trabajos que tenemos delante”* (CASTRO, 1965). Por outro lado, as mulheres foram citadas em posições subordinadas como em: *“los trabajadores premiados [...] han estado pensando en sus familiares a la hora de seleccionar un premio, han estado pensando en la mujer, en la madre, en los hijos”* (CASTRO, 1965).

A partir da análise dos discursos de Fidel, pode-se afirmar que a Revolução Cubana representou mudanças em relação à condição da mulher, como o acesso



à educação e ao trabalho produtivo. Quanto aos símbolos associados a elas, percebe-se que, nos primeiros anos, havia uma permanência das virtudes e princípios que reforçam a dominação masculina. Mesmo quando havia um distanciamento em relação às tarefas domésticas, as mulheres ainda eram associadas às funções materna e reprodutora na esfera privada, à posições subordinadas na esfera pública ou elogiadas a partir de princípios “masculinizantes” no espaço da guerrilha.

Considerações finais

Tendo como base as ideias de Pierre Bourdieu, pode-se afirmar que a dominação masculina possui mecanismos profundos que ultrapassam as mudanças na estrutura política. Enquanto um agente que adquiriu posição dominante no campo da política, Fidel Castro acumulou poder simbólico e reproduziu as estruturas da dominação masculina nos sentidos atribuídos às mulheres, de acordo com o *habitus* em que foi criado. A principal liderança do governo revolucionário, então, representando o papel do Estado em Cuba, reforçou as hierarquias sociais entre homens e mulheres em sua produção simbólica nos primeiros anos após a Revolução.

Nos discursos entre 1959 e 1965, as mulheres foram exaltadas, principalmente, enquanto mães e esposas. Nesses símbolos, era essencial que as mulheres continuassem exercendo as funções “transcendentais” da maternidade e da reprodução, mesmo que estivessem engajadas no trabalho produtivo. Por isso, a imagem dos filhos foi amplamente mobilizada por Fidel, como um fator que unia todas as mulheres e pelo qual elas deveriam se orgulhar e se sacrificar. Nesse sentido, o padrão de comportamento das mães deveria ser o de sacrifício e lealdade, aos filhos e à Revolução.

Quanto ao papel das mulheres na esfera pública, destaca-se o da guerrilheira, como Mariana Grajales, exemplo que unia o símbolo de mãe e combatente. Por outro lado, as mulheres que se sobressaíram na guerrilha



também foram apresentadas a partir de virtudes masculinas, como coragem e aptidão para a luta ou com o rendimento igual ao dos homens. Isso demonstra que o comportamento associado a categorias “masculinizantes” significava uma “honra positiva”. Em alguns casos, Fidel também demonstrou que elas tinham a função de substituir os homens, caso fosse necessário.

No trabalho, percebe-se alguns avanços na condição das mulheres. Fidel não as reduziu à esfera privada e à docilidade, reconhecendo sua importância no trabalho produtivo ou voluntário. Também falou sobre a criação de instituições que aliviassem as tarefas domésticas e defendeu o trabalho intelectual das mulheres. Mas os sentidos atribuídos às trabalhadoras ainda estavam muito associados ao papel de retaguarda, acolhimento e ensino, em profissões mais próximas da definição tradicional das atividades femininas ou em posições subordinadas na esfera do poder. Percebe-se que qualquer que fosse a posição no espaço social, as mulheres estavam separadas dos homens por um “coeficiente simbólico negativo” (BOURDIEU, 2025, p. 153).

Cabe apontar que essa temática das mulheres não era frequente nos discursos. Fidel falava mais sobre o papel das mulheres na nova sociedade em discursos dirigidos especificamente para o público feminino, em formaturas e plenárias e congressos da FMC, por exemplo. Mas, ao fazer uma análise atenta, percebe-se que o poder simbólico e a dominação masculina se manifestavam em outras ocasiões. E fica evidente que, mesmo falando sobre acabar com a desigualdade, não foi convocada uma revolução simbólica inicialmente, conforme delimitada por Bourdieu (2025). Assim, analisar os discursos de Fidel a partir das noções de poder simbólico e dominação masculina é um caminho teórico possível e que pode ser retomado em trabalhos que complementem este, ampliando as fontes e a delimitação temporal.

Fontes

CASTRO, Fidel. Discurso proferido no Parque Céspedes, em Santiago de Cuba, em 1º de janeiro de 1959. Disponível em:



<<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f010159e.html>>. Acesso em: 24 jan. 2026.

| 33 CASTRO, Fidel. Discurso proferido na fusão de todas as organizações femininas revolucionárias. Salão do Teatro do TCT, em Havana, em 23 de agosto de 1960. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f230860e.html>>. Acesso em: 22 jan. 2026.

CASTRO, Fidel. Discurso no ato do dia internacional do trabalho em Havana, em 1º de maio de 1961 (1961a). Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f010561e.html>>. Acesso em: 22 jan. 2026.

CASTRO, Fidel. Discurso no evento realizado em homenagem às mães das jovens camponesas que estudavam em Havana, na Cidade dos Esportes, em 14 de maio de 1961 (1961b). Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f140506e.html>>. Acesso em: 22 jan. 2026.

CASTRO, Fidel. Discurso proferido na Cerimônia de Entrega dos Certificados dos 4.000 Alfabetizados, realizada na Ciudad Deportiva, em 18 de junho de 1961 (1961c). Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f180661e.html>>. Acesso em: 25 jan. 2026.

CASTRO, Fidel. Discurso proferido no encerramento do Primeiro Congresso Nacional da Federação das Mulheres Cubanas, realizado no Teatro “Chaplin”, em 1º de outubro de 1962. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f011062e.html>>. Acesso em: 25 jan. 2026.

CASTRO, Fidel. Discurso proferido no encerramento do Congresso de Mulheres de toda a América, realizado no Teatro “Chaplin”, em 15 de janeiro de 1963 (1963a). Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f150163e.html>>. Acesso em: 27 jan. 2026.

CASTRO, Fidel. Discurso proferido na cerimônia de formatira de professores do Instituto Pedagógico Makarenko e no fim do curso de camponesas na Escola Ana Betancourt, na cidade dos esportes, em 6 de dezembro de 1963 (1963b). Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f061263e.html>>. Acesso em: 30 jan. 2026.



CASTRO, Fidel. Discurso na cerimônia de formatura de 250 médicos, realizada no Teatro do CTC Revolucionário, em 10 de setembro de 1964. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1964/esp/f100964e.html>>. Acesso em: 30 de jan. 2026.

- | 34 CASTRO, Fidel. Discurso proferido na cerimônia de entrega de diplomas e prêmios aos 5.000 trabalhadores que mais se destacaram na V colheita popular, realizada em Santa Clara, em 24 de julho de 1965. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f240765e.html>>. Acesso em: 30 jan. 2026.

Referências bibliográficas

AYERBE, Luis Fernando. *A Revolução Cubana*. São Paulo: UNESP, 2004.

BETTO, Frei. *Fidel e a religião: conversas com Frei Betto*. São Paulo: Fontanar, 2016.

BOBES, Velia Cecilia. Participación vs. Identidad: mujeres en el espacio público cubano. *Perfiles latinoamericanos*, n. 15, dezembro 1999, p. 99-118.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Difel, 2025.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

CORRARELLO, Ana Maria. *Adecuación estratégica en el Discurso de Fidel Castro de la etapa fundacional al proyecto socialista soviético (1963-1989): Un análisis retórico-discursivo*. 2016. 401 f. Tese (Doutorado em Análise do Discurso) – Faculdade de Filosofia e Letras, Universidade de Buenos Aires, Buenos Aires.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FALCON, Francisco. História e poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

FERNANDES, Florestan. O que é Revolução? (1981). In: PRADO JUNIOR, Caio; FERNANDES, Florestan. *Clássicos sobre a Revolução Brasileira*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.



FIDALGO, Lurdes. Mãe. In: AMARAL, Ana Luísa; MACEDO, Ana Gabriela (Orgs.). *Dicionário da Crítica Feminista*. Porto: Edições Afrontamentos, 2005.

FIDALGO, Lurdes. Maternidade. In: AMARAL, Ana Luísa; MACEDO, Ana Gabriela (Orgs.). *Dicionário da Crítica Feminista*. Porto: Edições Afrontamentos, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GILL, Rosalind. Análise de Discurso. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.

GIRAUDO, Silvia. *Revolución es más que una palabra: Fidel Castro en la tribuna*. Buenos Aires: Biblos, 2010.

GOTT, Richard. *Cuba: uma nova história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

GUEVARA, Gustavo Carlos. La Revolución Cubana. In: GUEVARA, Gustavo Carlos (org.). *Sobre las Revoluciones Latinoamericanas del siglo XX*. Buenos Aires, Editorial Newen Mapu, 2023, p. 71-92.

LINERA, Álvaro García. *¿Qué es una revolución? y otros ensayos reunidos*. Buenos Aires: CLACSO/Prometeo, 2020.

TORRES-CUEVAS, Eduardo; LOYOLA VEGA, Oscar. *Historia de Cuba 1492-1898:*

Formación y Liberación. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 2002 (Tomo I).

MISKULIN, Silvia Cezar. *Cultura Ilhada: imprensa e Revolução Cubana (1959-1961)*. São Paulo: Unesp, 2003.

MOUFFE, Chantal. Feminism, Citizenship, and Radical Democratic Politics. In: BUTLER, Judith; SCOTT, Joan (ed.). *Feminists Theorize the Political*. Routledge, 1992.

MULLER, Carolina de Azevedo. A representação da atuação política de uma heroína da Revolução Cubana: o caso de Haydée Santamaría no documentário cubano Nuestra Haydée. In: CALEGARI, Ana Paula Cecon; GENEROSO, Lúcia Maria de Abreu (org.). *Revolução Cubana: perspectivas históricas e desafios atuais*. Belo Horizonte: Initia Via, 2021, p. 296-312.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Revista de Estudos Feministas*. V. 8, n. 2, 2000, p. 9-43.



PERICÁS, Luiz Bernardo. *Che Guevara e o debate econômico em Cuba*. São Paulo: Boitempo, 2018.

PISCITELLI, Adriana. Recriando a (categoria) mulher?. In: ALGRANTI, Leila Mezan (Org.). *A prática feminista e o conceito de gênero*. Campinas: Unicamp, 2002.

PRADO, Gilliard. *A construção da memória da Revolução Cubana: a legitimação do poder nas tribunas políticas e nos tribunais revolucionários*. Curitiba: Appris, 2018.

RIBADERO, Martín. La Revolución cubana un balance historiográfico. *Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana "Dr. Emilio Ravignani"*, Buenos Aires, n. 51, p. 204-234, julio-diciembre 2019.

RODRIGUES, Bruno Romano. ¡Habla Comandante! Estratégias de memória nos discursos de Fidel Castro (1959-2006). In: CALEGARI, Ana Paula Cecon; GENEROSO, Lídia Maria de Abreu (Orgs.). *Revolução Cubana: perspectivas históricas e desafios atuais*. Belo Horizonte: Initia Via, 2021, p. 409-431.

RODRIGUES, Bruno Romano. Palavra e poder: os discursos de Fidel Castro como fontes históricas (1959-1976), *Extraprensa*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 30-56, 2024.

SANTOS, Giselle Cristina dos Anjos. A revolução cubana e as intersecções de gênero, raça e sexualidade. In: CALEGARI, Ana Paula Cecon; GENEROSO, Lídia Maria de Abreu (Orgs.). *Revolução Cubana: perspectivas históricas e desafios atuais*. Belo Horizonte: Initia Via, 2021, p. 258-281.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SCHACTAE, Andréa Mazurok. A Revolução Cubana e os espaços ocupados por homens e mulheres. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13º Congresso Mundos de Mulheres (Anais Eletrônicos)*, Florianópolis, p. 1-12, 2017.

VASCONCELOS, Joana Salém. *História agrária da Revolução Cubana: dilemas do socialismo na periferia*. São Paulo: Alameda, 2017.

VASSI, Cassia. A mulher cubana e sua sociedade: da independência à revolução. *Dimensões*, Vitória, n. 19, 2007.

VILABOY, Sergio Guerra, GALLARDO, Alejo Maldonado; ARANA, Roberto González. Historia de la Revolución Cubana. In: VILABOY, Sergio Guerra, GALLARDO, Alejo Maldonado; ARANA, Roberto González. *Tres Revoluciones*



que estremecieron el continente en el siglo XX: México, Cuba y Nicaragua. Barranquilla: Editorial Universidad del Norte, 2020, p. 167–309.

VALDÉS PAZ, Juan. A Revolução Agrária Cubana: conquistas e desafios. *Estudos*

| 37 *Avançados*, São Paulo, v. 25, n. 71, p. 73-87, 2011.